

A COESÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO

Dinéa Maria Sobral Muniz (UFBA)

sobraldm@ufba.br

Oswaldo Barreto Oliveira Júnior (UFBA, IFBAIANO)

osvaldobojr@yahoo.com.br

RESUMO

A coesão é um importante fator de textualidade, por meio do qual se instauram diferentes relações textuais – reiteração, associação e conexão – que são responsáveis pelos diferentes elos perceptíveis no texto. Neste artigo, abordamos, especificamente, a associação (seleção de palavras semanticamente próximas) e a conexão (uso de diferentes conectores), bem como seus respectivos recursos, a fim de dialogar sobre duas das relações textuais que a coesão cria no texto. Para isso, acionamos a proposta de análise da coesão desenvolvida por Antunes (2005), por meio da qual sugerimos o desenvolvimento, durante as aulas de língua portuguesa destinadas a alunos do ensino médio, de algumas práticas possíveis de dinamizar o ensino-aprendizagem das relações textuais da coesão. Com isso, pretendemos edificar diálogos, que se assentem na perspectiva da textualidade, sobre o ensino dos recursos da coesão textual.

Palavras-chave: Relações textuais. Produção textual. Ensino.

1. Introdução

Entre os estudiosos da linguística textual, notadamente a partir da década de 1980, tornou-se praticamente um consenso a ideia de que há um conjunto de propriedades (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, informatividade, coesão e coerência) responsáveis pela textualidade, ou seja, pela qualidade daquilo que é textual. Em outras palavras: tais estudiosos passaram a afirmar que existem alguns fatores – de ordem linguística, cognitiva e pragmática – determinantes para a produção, funcionamento e compreensão de um texto.

Essa concepção acerca da qualidade textual originou-se dos avanços dos estudos desmembrados no âmbito da linguística do texto, que deixou de lado uma concepção estrutural de texto – “Texto é uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes.” (WEINRICH, 1976 *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 25) – e abarcou uma noção pautada nos aspectos sociais, linguísticos e cognitivos que perpassam a atividade textual: o texto representaria, então, “um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” (MARCUSCHI, 2008, p. 133).

Nesse processo, o texto deixa de ser concebido como um produto abstrato, já que era definido com base na “imanência do sistema linguístico” (MARCUSCHI, 2012, p. 22), e assume feição concreta, sendo entendido como uma atividade humana interativa, social e multissemiótica (envolve questões sintáticas, semânticas e pragmáticas). Quer dizer: os teóricos da linguística textual assumem, portanto, que o texto resulta de uma atividade humana, cuja finalidade é a comunicação social e o entendimento entre os interlocutores (o autor e seus possíveis leitores). Por isso, além de aspectos inerentes às convenções da língua, contam também fatores relativos ao contexto da situação de comunicação em que ele surge e funciona como produto mediador do entendimento, da compreensão entre sujeitos distintos.

Assim, os principais teóricos brasileiros no campo dos estudos do texto assumem em suas elaborações do conceito de texto que este é um *locus* de convergência de ações humanas de natureza multissemiótica, interativa e social. Essas definições possibilitam a compreensão do texto como um objeto de estudo que apresenta uma natureza plástica e com fronteiras maleáveis, histórica e socialmente delimitadas. (BENTES; RAMOS; ALVES FILHO, 2010, p. 392)

Esse novo posicionamento teórico implica nos rumos das pesquisas sobre o texto, haja vista que os pesquisadores transitam para uma abordagem metodológica que o concebe “como um objeto de estudo que apresenta natureza plástica e com fronteiras maleáveis, históricas e socialmente delimitadas” (BENTES; RAMOS; ALVES FILHO, 2010, p. 392). Nessa abordagem, admite-se, pois, que o texto é moldado por alguns fatores de ordem social, cognitiva e linguística. Para tornar mais objetiva a compreensão acerca desses fatores, a partir da década de 1980, a linguística textual entendeu que a textualidade se vincula a um conjunto de propriedades que busca explicar a forma pela qual essas propriedades contribuem para o funcionamento comunicativo de um conjunto de palavras¹.

Assim, as pesquisas da área lançam questões que objetivam a natureza da língua e das atividades que emergem por intermédio dela: os textos. Nessa conjuntura, admite-se que a língua, como meio de interação social, existe na forma de textos, pois ninguém usa palavras isoladas ou frases soltas para se comunicar verbalmente; e que “*um conjunto de palavras*

¹ “Por textualidade, então, se pretende considerar a condição que têm as línguas de somente ocorrerem sob a forma de textos e as propriedades que um conjunto de palavras deve apresentar para poder funcionar comunicativamente” (ANTUNES, 2009, p. 50).

deve ter algumas características para que possa funcionar e ser reconhecido como um texto” (ANTUNES, 2005, p. 42, com itálico no original). Tais características colocam em cena a situação de comunicação e os interlocutores (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade), os processos cognitivos (informatividade e intertextualidade) e as questões linguísticas (coesão e coerência) envolvidos na produção, funcionamento e compreensão dos textos.

Neste artigo, interessa-nos abordar o fator da coesão textual, especificando os tipos de relações (reiteração, associação e conexão) que a coesão operacionaliza em um texto, priorizando as duas últimas. Convém salientar que esse tipo de tratamento da coesão textual foi proposto por Antunes (2005), como forma de tornar mais didático e, por conseguinte, mais acessível a estudantes de diversos níveis de escolaridade, o processo de ensino-aprendizagem dos recursos da língua que viabilizam o estabelecimento das relações textuais por meio das quais a coesão se concretiza.

Em razão disso, apresentamos, em um primeiro momento, a proposta de análise da coesão sugerida por Antunes (2005), esclarecendo o que a referida autora entende por relações textuais. Em seguida, discutimos os procedimentos e os recursos com o quais tornamos possíveis a associação e a conexão textuais, que são as relações da coesão que nos interessam neste texto. À medida que formos especificando os procedimentos e recursos de cada uma dessas relações, apresentaremos alguns exemplos, a fim de tornar nossa argumentação mais didática, e disponibilizaremos algumas sugestões para a abordagem dos recursos da associação e da conexão em aulas de língua portuguesa direcionadas a estudantes do ensino médio.

Esperamos que, dessa forma, possamos nos inserir em um profícuo diálogo com professores de língua portuguesa do ensino médio, em busca de alternativas possíveis de tornar o ensino-aprendizagem da coesão textual mais acessível à compreensão dos agentes que participam desse processo. Além disso, visamos a socializar uma proposta de análise da coesão que se centra nos usos concretos da língua, materializados na forma de textos, e na funcionalidade dos recursos da coesão para a produção textual.

2. As relações textuais da coesão

Segundo Koch (2007, p. 14 e 15), há recursos na língua que funcionam essencialmente para estabelecer relações no interior de um texto. Tais elementos nos permitem fazer associações entre diferentes palavras, termos e sequências da estrutura textual, construindo uma cadeia semântica que torna uma sequência linguística interpretável. Nesse sentido, tais recursos atuam de modo a estabelecer as relações de sentido desejadas na constituição de um texto. Vê-se, assim, que, para essa autora, a funcionalidade da coesão incide sobre a necessidade eminente de se estabelecer, na superfície textual, um conjunto de relações que podem corroborar para a constituição de um produto dotado de sentido. Para demonstrar tais relações, a referida autora propõe a existência de “[...] duas grandes modalidades de coesão: a coesão *remissiva* ou *referencial* (referenciação, remissão) e a coesão *sequencial* (sequenciação) [...]” (KOCH, 2007, p. 27).

Fávero (2009) também assume que a coesão seja um fator de textualidade responsável pelo estabelecimento de variadas relações no aparato textual. Com base nisso, sugere uma proposta teórica de análise da coesão, dividindo-a em três tipos: referencial, recorrencial e sequencial *stricto sensu*². Na coesão referencial, inclui os itens da língua capazes de fazer referência a outros elementos da superfície textual, especificando que isso pode ocorrer por meio da substituição por proformas (pronomes, verbos, advérbios e numerais) e da reiteração (repetição do mesmo item lexical, retomada por sinônimos, hiperônimos, hipônimos e expressões definidas). Na coesão recorrencial, insere os casos em que a retomada contribui para a progressão de informações, exemplificando com a recorrência de termos, o paralelismo, a paráfrase e o acionamento de recursos fonológicos. Na coesão sequencial *stricto sensu*, aborda os casos de sequenciação temporal (ordenação linear, expressões que assinalam a ordenação ou continuação das sequências temporais, o uso das partículas temporais e a correlação de tempos verbais) e de sequenciação por conexão (uso dos operadores do tipo lógico e operadores do discurso).

As propostas de Koch (2007) e Fávero (2009) assentam-se nos estudos dos principais precursores da linguística textual, como Beaugrande

² Para Fávero (2009, p. 33), “[...] toda coesão é, num certo sentido, sequencial[...]”; daí, a necessidade da adjetivação “*stricto sensu*”, para designar os casos no quais o usos de algumas palavras ou locuções torna possível a progressão textual, inserindo no fluxo do texto as relações de sentido estabelecidas por tais palavras ou locuções.

& Dressler (1981) e Halliday e Hasan (1976), sobre a coesão textual. Com isso, conseguem construir um aparato teórico contundente acerca da coesão, demonstrando como esse recurso de textualidade se estabelece na microestrutura textual. São propostas que contribuíram, de forma significativa, para a consolidação das pesquisas no campo da linguística do texto no meio acadêmico brasileiro e, por conseguinte, para o reconhecimento da relevância da coesão para a construção de um texto. Apresentam, porém, forte influência metalinguística, o que pode dificultar o entendimento da coesão textual por iniciantes no assunto, sobretudo estudantes da educação básica.

Além disso, convém ressaltar que a abordagem da coesão textual, realizada pelos livros didáticos destinados a estudantes do ensino médio e pelas gramáticas normativas, geralmente é feita de modo vago, limitando-se à apresentação conceitual do assunto. Raramente se veem propostas de análise textual cujo foco sejam os recursos por meio dos quais a coesão se torna evidente na superfície textual. Isso é bastante preocupante num país onde, devido à precária formação docente, tais livros normalmente guiam as ações dos professores. Por isso, torna-se urgente fornecer materiais que fomentem o desenvolvimento de conhecimentos teóricos e metodológicos, como também reflexões metodológicas e didáticas, acerca de aspecto tão relevante à produção textual, para que professores e estudantes tenham condições de inserir, de forma proficiente, o estudo da coesão em seus percursos formativos.

Atenta a essa questão, Antunes (2005) nos apresenta, em *Lutar com Palavras: Coesão e Coerência*, uma abordagem da coesão textual que se pretende mais acessível, visando a contribuir para o aprimoramento da competência textual de nossos estudantes. Tal proposta se fundamenta, também, nos tipos de relação que essa propriedade materializa nos textos (reiteração, associação e conexão). Além de explicar a relevância dessas relações para a produção de um texto, Antunes (2005) nos demonstra os procedimentos por meio dos quais tais relações se realizam e quais os recursos que as tornam possíveis. Tem-se, portanto, uma proposta de análise da coesão que se estrutura da seguinte forma: relações, procedimentos e recursos da coesão. Pelo caráter didático dessa proposta, nós a adotamos neste artigo, para subsidiar as sugestões que pretendemos apresentar.

A priori, torna-se válido afirmar que, para Antunes (2005), a coesão é diretamente responsável pela continuidade textual; ou seja, é por intermédio dela que conseguimos fazer uma atividade textual progredir, já que

nos possibilita materializar as “relações semânticas que se vão estabelecendo entre os vários segmentos” (ANTUNES, 2005, p. 50), os quais compõem o texto. Compreende-se, por meio disso, que o texto (entendido aqui como totalidade de uma construção linguística) é o produto que se obtém quando se relacionam adequadamente os seus vários segmentos (palavras, termos, orações, períodos e parágrafos).

Vejamos:

Temos demonstrado que a coesão resulta de uma rede de relações que se criam no texto. Por isso, chamei-as de *relações textuais*. Tais relações, ou seja, as ligações, os elos criados, no entanto, são de natureza semântica, isto é, têm a ver com os sentidos do texto. Diferem quanto ao tipo de nexos que promovem e são de três tipos: por *reiteração*, por *associação* e por *conexão*. Como se pode ver, em qualquer uma das relações persiste a ideia de ligação, de laço. O que difere é a forma como este laço é conseguido. (ANTUNES, 2005, p. 52, com itálicos no original)

Pelo trecho em destaque, pode-se conjecturar que, no tocante à coesão, a autora supracitada prioriza os sentidos que essas ligações afloram. Por isso, concebe que a coesão seja uma propriedade que se vincula à construção dos sentidos do texto, destacando o caráter semântico da coesão textual, assim como o fizeram Halliday e Hasan (1976, p. 4): “*The concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and that define it as a text.*”³.

Essa aproximação conceitual indica uma importante afinidade teórica entre esses pesquisadores, mas é preciso destacar uma significativa diferença que aparece no cerne de suas propostas. Para Halliday e Hasan (1976), a coesão é uma condição fundamental à constituição textual; por isso, afirmam, enfaticamente, que “*Cohesion is a necessary though not a sufficient condition for the creation of text.*”⁴ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 298 e 299). Para Antunes (2005), a coesão advém da continuidade de sentidos que é exigida pelo texto, mas nem sempre ela é um requisito fundamental para que essa continuidade ocorra, pois há textos que não apresentam recursos coesivos, mas possuem continuidade semântica capaz de estabelecer a interação autor-texto-leitor.

³ Tradução livre: O conceito de coesão é semântico, refere-se às relações de sentido que existem no texto, e que o definem como um texto.

⁴ Tradução livre: Coesão é uma condição necessária, mas não uma condição suficiente para a criação do texto.

Isto é: embora Halliday e Hasan (1976) reconheçam a existência de outros fatores que participam da construção textual, a coesão assume *status* de imprescindibilidade na teoria desses autores, haja vista que é tomada como característica necessária ao texto, como se os recursos linguísticos comandassem nossas atuações verbais. Nesses termos, uma sequência linguística que não se apresente coesa não pode ser considerada texto. Antunes (2005), por sua vez, ainda que admita a funcionalidade da coesão na construção de textos e que “[...] haja sempre alguma determinação linguística inviolável” (ANTUNES, 2005, p. 177), considera que a coesão decorre da continuidade exigida pelo texto, e esta depende das intenções dos interlocutores. Sendo assim, nem sempre a coesão é fundamental.

Em razão disso, Antunes (2005) defende que as opções dos interlocutores e a situação de comunicação são decisivas para o tipo de continuidade a ser materializada no texto, e que tal continuidade nem sempre pressupõe o arranjo ordenado das relações textuais. Nesse sentido, a autora em voga admite: “A coesão é uma decorrência da própria *continuidade* exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.” (ANTUNES, 2005, p. 177). Por essa razão, alguns textos (poéticos, humorísticos, publicitários etc.), embora não apresentem relações coesivas marcadas na superfície textual, permitem-nos identificar uma unidade de sentido que lhes confere textualidade. Mas, atenção: a autora alerta-nos que tal procedimento não é comum, pois, normalmente, a determinação cognitiva que guia nossas ações requer um arranjo coeso de nossos textos.

E esse arranjo coeso pressupõe o estabelecimento das relações textuais da reiteração, associação e conexão (ANTUNES, 2005). Isso porque, ao escrever um texto, a consecução da continuidade depende da retomada de elementos aparentes em segmentos prévios (reiteração), da ligação semântica entre as diversas palavras que compõem o aparato textual (associação) e do assentamento sintático-semântico entre orações períodos, parágrafos e blocos supraparagrafícos (associação). Desse modo, são estabelecidos elos que formam uma rede de sentidos que cooperam para a consolidação da textualidade, ou seja, para assegurar a qualidade de texto a uma unidade linguística.

3. As palavras e o texto

Escrever um texto requer o acionamento de palavras cujos sentidos se associam ao tema em foco. Portanto, a escolha das palavras que irão

compor o aparato textual se vincula, semanticamente, ao assunto sobre o qual se pretende escrever. Desse modo, os vocábulos que servem a uma argumentação sobre aquecimento global não são os mesmos que podem ser utilizados numa dissertação sobre as transformações das subjetividades humana na sociedade pós-industrial. Isso porque, segundo Antunes (2005, p. 54), os textos são marcados por uma unidade temática que condiciona a proximidade entre as palavras. Em razão disso, a referida autora aciona a noção de “campo semântico” (ANTUNES, 2005, p. 53) para dizer que palavras de um mesmo campo, ou de campos afins, são responsáveis pela sinalização de uma tipo de relação que é essencial a um texto: a associação entre palavras semanticamente próximas.

A noção de campo semântico pode ser entendida como um conjunto de palavras que remetem a um mesmo universo de significação (CÂMARA JUNIOR, 1978). Cognitivamente, essas palavras costumam se associar a um mesmo conceito ou ideia. É o que acontece, por exemplo, com *onça*, *elefante*, *leopardo* e *leão*, um conjunto de palavras que nos remete à ideia de animais selvagens. Se mudarmos o conceito (de animais selvagens para animais domésticos), teremos outro aglomerado de palavras: cães, gatos, calopsitas, peixes de aquário etc. Essa noção ajuda-nos a compreender que cada unidade temática requisita um campo semântico específico, pois dificilmente a redação de um texto sobre o amor acione as mesmas palavras que um texto sobre exercícios físicos, sobretudo se estivermos operando com a denotação.

Com base nisso, Antunes (2005, p. 55) afirma que a associação é o tipo de relação textual “que ocorre pela contiguidade semântica entre as palavras”, ou seja, pela proximidade que os significados dos vocábulos pode assumir em determinado texto. Essa proximidade se torna operacional pela escolha, no léxico da língua, das palavras e termos que o produtor do texto julga necessários para dizer o que pretende. Tem-se, assim, o procedimento por meio do qual realizamos a relação de associação em um texto: a seleção lexical.

O procedimento da associação semântica entre palavras constitui, mais propriamente, a chamada *coesão lexical do texto*, pois atinge as relações semânticas (as relações de significado) que se criam entre as unidades do léxico (substantivos, adjetivos e verbos, sobretudo).

Uma vez que, como já foi dito aqui, todo texto mantém uma unidade temática, pode-se prever que o procedimento da aproximação semântica entre as palavras representa *o recurso mais presente em todo gênero de texto*, desde que não sejam aqueles “textos mínimos” compostos apenas de duas, três ou pouco mais palavras (como alguns avisos e anúncios). (ANTUNES, 2005, p. 125)

Conforme se pode verificar, a convergência entre os significados das palavras presentes em um texto proporciona a criação de um conjunto de relações que contribuem para a construção do sentido global pretendido. Sendo assim, a seleção lexical constitui importante procedimento para a garantia da coerência textual. A realização desse procedimento pode ser feita por meio do recurso da “seleção de palavras semanticamente próximas” (ANTUNES, 2005, p. 51), considerando o núcleo temático do texto e as diferentes relações que se podem estabelecer entre as unidades do léxico.

A aprendizagem desse procedimento e dos recursos que podem torná-lo operacional requer a observação das palavras em uso, ou seja, das associações entre palavras materializadas em textos diversos. Essa observação, acompanhada de apreciação crítica e de diálogos entre professores e alunos nas aulas de língua portuguesa (e de outras disciplinas do currículo escolar), pode favorecer, substancialmente, para o desenvolvimento de “competências textuais” (ANTUNES, 2005, p. 127) pelos estudantes. Por isso, para que suscitemos o desenvolvimento de aulas propiciadoras do ensino-aprendizagem dos “princípios fundamentais da textualidade” (ANTUNES, 2005, p. 129), sobretudo da relação de associação semântica entre as palavras, sugerimos que os nossos colegas professores:

- estimulem, constantemente, a leitura, a análise e a produção de textos de gêneros diversos, despertando a atenção dos estudantes para a relação entre o eixo temático dos textos e as palavras que os constituem;
- fomentem a produção textual a partir da pesquisa e da discussão sobre os eixos temáticos propostos, para que os estudantes busquem interagir com outros autores e, assim, compreendam quais são as unidades léxico-semânticas mais adequadas para determinados temas;
- estimulem a utilização continuada do dicionário durante as aulas de língua portuguesa e as atividades de leitura (em contextos intra e extraescolares), de modo a incentivar a ampliação do repertório vocabular dos alunos;
- realizem diversas leituras em sala de aula, promovendo a apreciação das associações semânticas entre as palavras, sobretudo das relações de antonímia, co-hiponímia e paronímia⁵;
- promovam o estudo contextualizado do léxico, com base nos diversos

⁵ Para melhor compreensão das relações de antonímia, co-hiponímia e paronímia, sugerimos a leitura de Antunes (2005, p. 125-139) e de Teixeira (2009).

temas que são acionados em sala de aula para incentivar a leitura, a produção e a compreensão de textos;

– possibilitem atividades de análise de textos com foco na compreensão da escolha das palavras, segundo a perspectiva de desenvolvimento temático pretendida pelo autor;

– coloquem em ação atividades que favoreçam a aprendizagem da associação semântica como recurso coesivo de texto diversos, estimulando a criticidade dos alunos sobre os significados contextualizados das palavras, bem como sobre os laços textuais criados por essa associação entre palavras semanticamente próximas e os eixos temáticos que as acionam.

Tais sugestões visam despertar, em nossos colegas professores, a percepção de que o estudo do léxico durante as aulas de língua portuguesa não deve seguir uma abordagem prescritiva que prioriza a assimilação de regras da gramática normativa, a memorização dos processos de formação de vocábulos, a aprendizagem das nomenclaturas relacionadas às diversas classes de palavras, nem a decoreba de listas de antônimos, sinônimos, hipônimos e hiperônimos; mas, sobretudo, fomentar a reflexão sobre o léxico a partir dos produtos da língua em que as palavras assumem relevância para o estabelecimento de relações que promovem o desenvolvimento dos eixos de sentido dos variados textos. Isto é: o estudo do léxico deve ser desmembrado por meio da análise e compreensão dos diversos textos que circulam socialmente, pois, fora deles, as palavras nada dizem.

4. *O uso dos conectores e a coesão textual*

Segundo Antunes (2005), o acionamento de diferentes conectores (preposições, conjunções, advérbios e suas respectivas locuções) constitui recurso linguístico importante para a promoção de “um tipo específico de ligação: aquela efetuada em pontos bem determinados do texto (entre orações e períodos, sobretudo) e sob determinações sintáticas mais rígidas” (ANTUNES, 2005, p. 140). Com isso, torna-se possível estabelecer a conexão, uma das três relações textuais da coesão.

Por meio da conexão, promove-se a “[...] sequencialização de diferentes porções do texto” (ANTUNES, 2005, p. 140), criando elos entre orações, períodos, parágrafos e blocos paragrafícos, para tornar os vários segmentos que compõem o texto interligados, o que contribui para a organização coesiva e para a construção da coerência textual. Convém salientar

que, nesse tipo de coesão, o uso dos conectores também sinaliza as relações semânticas materializadas entre os segmentos que tais palavras e locuções unem e costumam indicar a orientação argumentativa pretendida pelo autor do texto.

O recurso da conexão sobressai mais significativo ainda quando se considera que os conectores não servem apenas para ‘ligar’, ou para ‘articular’ segmentos. O mais relevante é reconhecer que esses elementos também cumprem a função de *indicar a orientação discursivo-argumentativa* que o autor pretende emprestar a seu texto. (ANTUNES, 2005, p. 144, com itálicos no original)

Por essa razão, a aprendizagem dos recursos por meio dos quais a conexão se efetiva no aparato textual faz-se necessária ao desenvolvimento de competências textuais que tornem os estudantes aptos a produzir textos de diversos gêneros. E essa aprendizagem deve possibilitar a compreensão dos aspectos sintáticos envolvidos na utilização dos elementos de ligação (os conectores), como também das relações semânticas (causalidade, condicionalidade, temporalidade, finalidade, alternância, conformidade, complementação, delimitação ou restrição, adição, oposição, justificação ou explicação, conclusão e comparação) que tais conectores expressam.

Dessa forma, os professores de língua portuguesa (sobretudo, mas não somente eles) devem assumir o estudo dos conectores, e das relações de sentido que eles expressam, numa perspectiva da textualidade; ou seja, num panorama em que a identificação, a utilização e a compreensão desses elementos de ligação e das analogias semânticas que eles exprimem colaborem para a leitura, compreensão e produção de textos diversos. Isso nos exige romper com uma tradição gramatical na qual o estudo desses constituintes da língua limita-se ao âmbito da frase e à memorização de nomenclaturas sobre as conjunções e as orações que elas integram, pois, segundo Antunes (2005), tal tradição não colabora para o desenvolvimento de competências textuais. Vejamos:

[...] nos materiais destinados ao ensino fundamental e ao ensino médio, o uso dos conectores tem sido visto de forma muito reduzida, pois não passa muito da mera classificação – dos conectores ou das orações em que eles aparecem. A função desses conectores na organização do texto como um todo, de um modo geral, não chega sequer a ser mencionada nem em gramáticas nem em livros didáticos. Falta, portanto, a perspectiva da textualidade no estudo desses elementos. (ANTUNES, 2005, p. 143)

Não é de admirar, portanto, a dificuldade de algumas pessoas de usar, sobretudo em textos, o conector adequado para expressar o valor semântico pretendido. De fato, essa tem sido uma das dificuldades mais notórias nas redações escolares [...] (*Idem*)

Nas palavras da referida autora, destaca-se a opinião de que o estudo “a-textual” dos conectores não contribui para a aprendizagem dos aspectos sintático-semânticos envolvidos no uso desses elementos para fins de produção textual. Por isso, consideramos que é preciso acionar práticas de ensino propiciadoras da aprendizagem das funções coesivas que essas palavras e locuções exercem no texto, incentivando os estudantes a reconhecerem que os conectores realizam funções bastante relevantes, contribuindo para a sequencialização do texto, pois concretizam elos entre diferentes segmentos e indicam as orientações discursivo-argumentativas pretendidas. Em razão disso, sugerimos que os professores:

- realizem atividades de leitura e compreensão de textos que suscitem no estudante a observação crítico-reflexiva sobre as ligações realizadas pelos conectores no aparato textual, como também das relações semânticas que esses elementos de ligação expressam;
- apresentem textos com uso inadequado dos conectores (podem ser textos adaptados pelo professor para fins didáticos), sugerindo que os estudantes identifiquem os segmentos do texto em que tais inadequações comprometem a relação de sentidos, para propor a reescrita, de modo a corrigir essa inadequação;
- desenvolvam atividades epilinguísticas sobre os usos dos conectores e as relações de sentido que eles expressam;
- priorizem, durante o estudo dos períodos compostos por coordenação e subordinação, as relações de sentido existente entre as orações, e não as nomenclaturas sugeridas pela gramática normativa;
- demonstrem que os conectores não servem apenas para ligar orações, mas também para estabelecer elos entre diversos segmentos dos textos (períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos);
- incentivem que, durante a leitura de textos diversos, os estudantes desenvolvam a apreciação crítica dos conectores, compreendendo as funções coesivas que esses elementos desempenham nos textos.

Com ações dessa natureza, acreditamos que nossas aulas de língua portuguesa assumam a perspectiva da textualidade durante a abordagem dos elementos responsáveis pela ligação entre diversos segmentos do texto, a fim de dar ênfase à relação textual de conexão e a suas funcionalidades no desenvolvimento do texto (sequencialização, sinalização de diversas relações semânticas e indicação de orientações discursivo-argumentativas). Provavelmente, o desenvolvimento de práticas de ensino

-aprendizagem assentadas nessas sugestões possam contribuir para o desenvolvimento de competências textuais pelos estudantes, tornando-lhes leitores proficientes e produtores de textos eficazes.

5. *Considerações finais*

O estudo das relações textuais realizadas pela coesão no interior do texto deve ser contínuo. Isso, porque essas relações, além de contribuírem para a construção da textualidade, pressupõem o desenvolvimento de competências textuais pelos estudantes, algo que se constrói paulatinamente, por meio da leitura, análise e produção continuada de textos durante a vida escolar – atividades que devem ser sempre estimuladas, orientadas e supervisionadas pelos professor.

Ao acionar práticas de ensino que incentivem a aprendizagem dos recursos responsáveis pela materialização das relações de associação e conexão textuais, o professor estará contribuindo, significativamente, para a formação de alunos críticos, capazes de acionar a língua portuguesa para a produção de textos diversos, compreendendo-a como bem simbólico que se vivifica nas práticas cotidianas de interação verbal. Ademais, disponibilizará meios e práticas possíveis de despertar nos estudantes o desenvolvimento de competências textuais, que são aprendizagens muito requisitadas pela dinâmica de vida numa sociedade letrada como a nossa.

Por essa razão, disponibilizamos neste artigo algumas sugestões possíveis de colaborar para o desenvolvimento de aulas sobre as relações textuais da associação e da conexão, a fim de dialogar com nossos colegas professores em busca de percursos de ensino-aprendizagem mais condizentes com a função social da língua – promover a interação social. Esperamos que, dessa forma, possamos contribuir para a consolidação de práticas de ensino-aprendizagem assentadas no caráter dialógico da linguagem humana e, por conseguinte, fomentar o acionamento constante do texto como objeto de estudo em nossas aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola,

2009.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando os desafios no campo dos estudos do texto. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. London and New York: Longman, 1981.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2009.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman Group Limited, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola, 2012.

TEIXEIRA, Lívia Marangon Duffles. *Conceitualização na construção de ontologias: relações semânticas no âmbito do Blood Project*. 2009. – Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.